

QUINTA DA PRAIA
(SAMOUÇO, ALCOCHETE):
TESTEMUNHOS DO NEOLÍTICO ANTIGO NA MARGEM ESQUERDA DO ESTUÁRIO
DO TEJO

Recebido: 30 de Janeiro de 2017 | Aprovado: 8 de Janeiro de 2019

António Faustino Carvalho¹

CEAACP - Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património
Universidade do Algarve - FCHS

Miguel Correia

Câmara Municipal de Alcochete

Marisa Moisés

Universidade do Algarve - FCHS

Resumo

Descoberto em 2003, o sítio arqueológico da Quinta da Praia pode ser atribuído ao Neolítico antigo com base na sua cultura material (cerâmica impressa e incisa, talhe do sílex para a produção de uma indústria de base lamelar, etc.). Sondagens e prospeções subsequentes, incluindo a recolha sistemática de artefactos de superfície, permitiram o reconhecimento de três concentrações principais de líticos e fragmentos cerâmicos. O estatuto das mesmas (se contemporâneas ou sucessivas no tempo) é ainda uma questão em aberto. A localização do sítio sobre a margem sul do Estuário do Tejo sugere a exploração dos seus recursos enquanto o sistema de povoamento coevo, por seu lado, indica a presença de uma economia agro-pastoril plena formada.

Palavras-chave: Neolítico; cultura material; povoamento.

Abstract

Discovered in 2003, the Quinta da Praia archaeological site can be attributed to the Early Neolithic after its material culture (impressed and incised pottery, knapping of flint for the production of a bladelet-based assemblage, etc.). Subsequent testing and field surveying, with systematic retrieval of surface artefacts, allowed the recognition of three main concentrations of lithics and potsherds. Their status (coeval or diachronic) and function are still an open question. The location of the site in the south rim of the Tagus Estuary suggests the exploitation of its resources whereas the coeval settlement system indicates a full farming economy.

Key-words: Neolithic; material culture; settlement.

https://doi.org/10.14195/2182-844X_6_4

¹ afcarva@ualg.pt

I. Introdução

De acordo com a descrição providenciada pela própria Reserva Natural do Estuário do Tejo (ICNF, 2016), esta região pode ser dividida em quatro sectores distintos: mais a montante, o delta do Tejo, resultante da sedimentação de aluviões modernos, caracterizada por um sistema de mouchões e esteiros; depois, o Mar-da-Palha, que corresponde ao sector mais amplo do estuário, é descrito como um “mar interior” onde desaguam vários cursos de água; segue-se o canal profundo que separa as rochas detríticas da margem sul (Almada) dos calcários da margem oposta (Lisboa); e, finalmente, o sector terminal, que se prolonga até à linha Bugio - S. Julião, em que dá lugar ao oceano. Esta região tem vindo a revelar ao longo das suas margens, desde finais do século passado, diversos contextos arqueológicos datados ou atribuídos ao Neolítico antigo (Fig. 1). Nas propostas de modelização deste povoamento pré-histórico, conquanto variável nos particularismos interpretativos de

cada autor, tem sido naturalmente incontornável a avaliação que este largo corpo de água - que era ainda mais extenso para montante à época, aquando do pico da transgressão flandriana (Vis, Kasse e Vandenberghe, 2008) - teria tido na sua estruturação. A presença de extensos vestígios deste período na Quinta da Praia, no Samouco, portanto sobre o limite sudoeste do sector deltaico do Estuário do Tejo, abriu mais uma via de análise para o conhecimento dos contornos e das dinâmicas de que se terá revestido o povoamento neolítico na região, em particular durante a sua fase antiga.

A descoberta dos vestígios neolíticos da Quinta da Praia, levada a cabo por um dos signatários (M.C.), teve lugar em 2003 no decurso de prospeções que visavam o levantamento da carta arqueológica do município de Alcochete, tendo sido então possível isolar três *loci*, designados numericamente (Quinta da Praia 1, 2 e 3), no seio de uma vasta mancha de dispersão de materiais de superfície. O *Locus* Quinta da Praia 1 - onde se

realizaram os trabalhos que se descrevem adiante - encontra-se ocupado por um pomar de damasqueiros (junto à sua extremidade sul) e por diversas parcelas agrícolas regularmente lavradas (ou apenas gradadas para remoção da vegetação rasteira), o que permite a recolha periódica de materiais arqueológicos trazidos à superfície. Existem também no local alguns barracões de apoio àquelas atividades agrícolas. Os trabalhos arqueológicos que se vieram a realizar mais recentemente consistiram na sondagem do

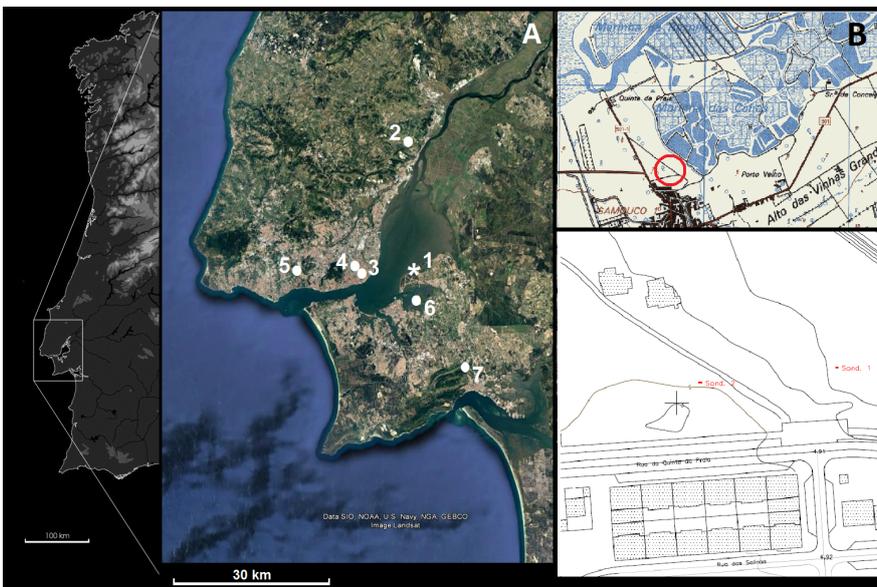


Fig. 1 - [A] Sítios do VI/V milénio a.C. no Estuário do Tejo: 1 - Quinta da Praia; 2 - Moita da Ladra; 3 - Encosta de Sant'Ana e Armazéns Sommer; 4 - Palácio dos Lumiars; 5 - Carrascal; 6 - Gaio; 7 - Casal da Cerca.

[B] Localização da Quinta da Praia em extrato da Folha N.º 432 da Carta Militar de Portugal (em cima) e em levantamento topográfico à escala de 1:1.000 com indicação das Sondagens 1 e 2 (em baixo).

pomar entre 28 a 30 de maio de 2012, e na prospeção sistemática de uma parte significativa do *locus*, com recolha integral dos materiais de superfície, de forma descontinuada entre 20 de janeiro e 6 de março de 2014. O estudo destes materiais encontra-se ainda em curso (Moisés, em preparação), pelo que no presente texto se apresentarão apenas os resultados dos trabalhos de campo e as primeiras conclusões que estes permitem extrair em termos de integração geral do sítio.

II. Trabalhos realizados

2.1. Sondagens

Esta intervenção visou principalmente o reconhecimento da estratigrafia do *Locus* Quinta da Praia 1 e, conseqüentemente, das condições contextuais de origem do material arqueológico surgido à superfície. A escolha recaiu sobre este *locus* devido, não só à (relativa) maior quantidade de materiais de superfície que apresentava, como por se tratar de uma das parcelas de terreno não cultivada em permanência. Assim, optou-se por abrir duas sondagens distintas (Fig. 1): a Sondagem 1, localizada a nascente, numa área de declive na direção do estuário, onde se abriu 1 m², e a Sondagem 2, localizada numa área aplanada a poente, onde se abriram 2 m² contíguos (quadrados K20 e K21).

A Sondagem 1 revelou duas camadas arenoargilosas separadas por uma camada argilosa, que se podem descrever do seguinte modo:

Camada 1. Areias castanho-escuras, com uma espessura de 40-45 cm, embalando seixos dispersos (devido ao desmantelamento do terraço fluvial localizado a cotas superiores?) e material

cerâmico de época recente (cerâmica vidrada e faianças) muito fragmentado.

Camada 1a. Em escavação, esta camada distingue-se dificilmente da que lhe sobrejaz devido à irregularidade da interface entre ambas; de espessura muito variável (10-30 cm), é formada por argilas negras que embalam os mesmos tipos de artefactos, conquanto em menor quantidade.

Camada 2. Areias de colorações mais claras, tendencialmente acastanhadas; a sua espessura total não foi determinada devido à subida do nível freático durante os próprios trabalhos de escavação (Fig. 2).



Fig. 2 - [A] Vista da Sondagem 1 para oeste, com o nível freático a emergir, podendo observar-se as três camadas aqui identificadas.

[B] Vista geral da Sondagem 2 para leste, à cota do topo das areias esbranquiçadas compactas que formam a base da sequência sedimentar, notando-se ainda a Ponte Vasco da Gama em fundo.

Uma lasca de sílex proveniente dos 10 cm de topo do depósito, na camada 1, foi o único artefacto pré-histórico identificado nesta sondagem. A sua posição altimétrica contrasta com a dispersão das cerâmicas históricas e sugere encontrar-se em posição secundária talvez devido ao desmantelamento do terraço fluvial a que corresponderão os seixos referidos. A partir dos 70 cm a continuação dos trabalhos tornou-se impossível devido à subida rápida do nível

freático, que provocava o abatimento das partes inferiores dos cortes, impregnadas de água salobra. A possibilidade de existência de estruturas e materiais neolíticos a cotas mais profundas continua, portanto, em aberto.

Os dois quadrados contíguos que formam a Sondagem 2 revelaram uma sequência formada por três realidades sedimentares (Fig. 2):

Camada 1. Camada de topo, com 50 cm de espessura média, formada por areias soltas, remexidas, de colorações branco-amareladas. Os materiais arqueológicos encontravam-se dispersos e estão representados por restos de talhe e de cerâmica de época neolítica, artefactos modernos (cerâmica vidrada, faiança, vidro, telha, plásticos) e restos de bivalves (ostra e berbigão). Estes materiais, misturados, encontram-se até uma profundidade de 60 cm (penetrando portanto na camada subjacente).

Camada 1a. Na faixa altimétrica dos 50-70 cm abaixo da superfície surgem manchas descontínuas de areias enegrecidas, também soltas, que se percebeu no decorrer dos trabalhos serem resultantes da decomposição de raízes de árvores já não existentes no local. Para além dos materiais (neolíticos e modernos) acima referidos, a esta cota do depósito encontravam-se fragmentos maiores de conchas (aparentemente apenas de ostra), restos ósseos e dentários de mamíferos (muito atacados quimicamente, apesar do seu aspeto “fresco”) e artefactos exclusivamente neolíticos.

Camada 2. Na base do depósito arenoso solto encontram-se areias brancas, compactas, arqueologicamente estéreis e correspondentes, provavelmente, à base do depósito arenoso fluvial que assenta diretamente no terraço que se constitui como o substrato geológico local.

Nesta sondagem, em suma, parece estarmos perante duas unidades geológicas principais, ambas correspondendo a uma cobertura arenosa

de origem fluvial, sendo que a de topo foi severamente afetada por trabalhos agrícolas que misturaram lixo moderno com um nível arqueológico pré-existente, neolítico. O material cerâmico moderno deverá resultar do abandono de lixo no local nos últimos séculos. A sua penetração até à profundidade assinalada deverá à lavra do terreno, conquanto em momento incerto (aquando do plantio do pomar de damasqueiros existente nesta parcela?).

Como os fragmentos de cerâmica neolítica e as valvas de ostras eram significativamente maiores no nível intermédio acima descrito, e a (pelo menos aparente) inexistência de materiais modernos neste nível, foram observações que sugeriram poder aquelas valvas datar do Neolítico. Deste modo, seleccionou-se uma única valva para datação pelo radiocarbono. Porém, a calibração do resultado obtido (Wk-35999: 605 ± 25 BP), segundo a curva MARINE13, indicou que o material orgânico deste nível consiste numa acumulação de época moderna centrada nos séculos XVII-XVIII - em concreto, 1659-1716 cal AD (a 1 *sigma*) e 1651-1805 cal AD (a 2 *sigma*) -, o que se coaduna bem com algumas cerâmicas recolhidas na sondagem mas que deixou a ocupação neolítica por datar em termos absolutos.

2.2. Prospeção sistemática

Ao revelarem perturbações estratigráficas devidas a trabalhos agrícolas, os resultados obtidos nas sondagens de 2012 justificaram a realização de recolhas sistemáticas de superfície no mesmo *Locus 1*, com controlo espacial de proveniências, para perceber quais as parcelas afetadas por aqueles trabalhos e qual o seu grau de afetação, para desse modo se poder identificar áreas com

maior potencial científico para eventuais futuros trabalhos de escavação.

Este *locus* está subdividido em parcelas agrícolas dispostas longitudinalmente no sentido Este-Oeste, entre as salinas do Samouco e a estrada que liga esta povoação à praia, as quais são cultivadas anualmente por vários rendeiros. No momento da realização das prospeções, algumas tinham sido aradas recentemente e lavadas pela chuva, possibilitando assim uma boa visibilidade dos materiais sobre a superfície do terreno. A vegetação existente nas parcelas não cultivadas limitou a prospeção ou, na maioria dos casos, inviabilizou mesmo a sua realização.

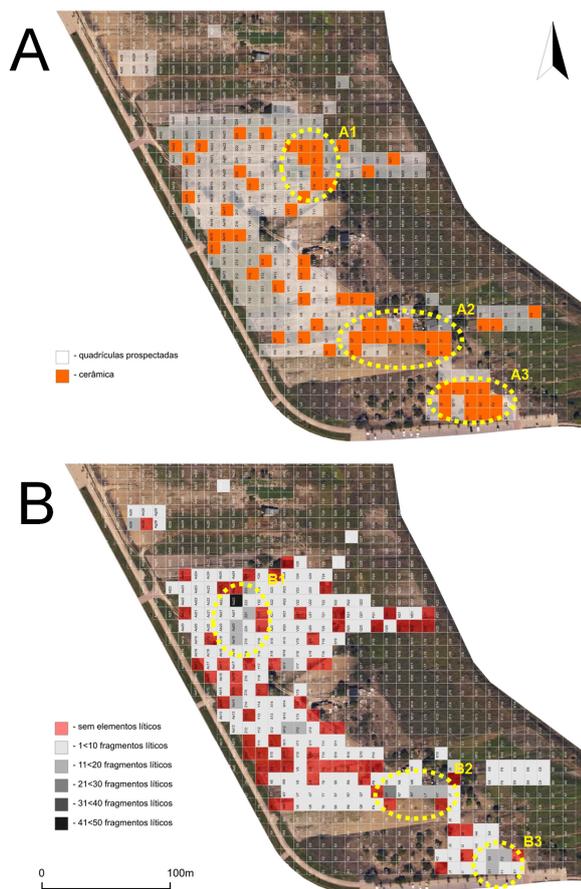


Fig. 3 - Distribuição espacial dos materiais neolíticos de superfície no Locus Quinta da Praia 1, com indicação das três concentrações observadas em cada categoria artefactual.

[A] Cerâmica; [B] Pedra lascada.

A metodologia aplicada consistiu na criação de uma quadrícula de 10x10 m desenhada sobre ortofoto do terreno e exportada para um aparelho de GPS (Garmin Dakota 20); com o auxílio do mesmo materializaram-se no terreno os cantos de cada uma das quadrículas. O material recolhido foi não só o de época neolítica, como também o mais recente, sobretudo cerâmicas modernas / contemporâneas, que terão sido trazidas com lixo doméstico.

Foram prospectadas 262 quadrículas no Locus 1, num total de 26.200 m², portanto, pouco mais de 2,5 ha. O material arqueológico de época neolítica, porém, proveio somente de 200 quadrículas; as 62 restantes não forneceram qualquer elemento desta época. Estes trabalhos permitiram assim confirmar a grande dispersão do material arqueológico mas também a existência de manchas de concentração individualizáveis (Fig. 3). Desta análise espacial podem retirar-se várias conclusões relevantes para o conhecimento da ocupação neolítica deste *locus* da Quinta da Praia:

- que a dispersão do material neolítico revelou a existência de três manchas para cada categoria (cerâmica e líticos);
- que as manchas de cerâmicas e de líticos da metade sul do *locus* - isto é, as manchas A2 e A3 e as B2 e B3, respetivamente (Fig. 3) - se encontram justapostas ou imediatamente adjacentes entre si, revelando deste modo a existência de contextos neolíticos independentes, conquanto a Sondagem 2 (que coincide com as manchas A3 e B3) tenha revelado a sua afetação profunda por trabalhos agrícolas;
- que as manchas A1 e A2, localizadas no extremo norte do *locus*, não são

coincidentes - a A1 encontra-se mais a oeste e a B1 mais a leste (Fig. 3) - por razões ainda não totalmente esclarecidas (o estudo do material, atualmente em curso, poderá revelar pistas a este respeito, se se tratar de uma diferenciação de cariz funcional).

A análise da dispersão do material cerâmico de épocas históricas (não cartografado na Figura 3) evidencia, por seu lado, uma concentração *grosso modo* centrada no sector sudoeste do *locus*, paralelo à estrada entre o Samouco e a praia (Fig. 1), e portanto não se sobrepõe às manchas de material pré-histórico. Esta observação testemunha indiretamente uma relativa integridade espacial da ocupação neolítica da Quinta da Praia. Temos assim bem definidas zonas de maior sensibilidade, passíveis de serem intervencionadas futuramente através de trabalhos de escavação ou tão-somente através de novas campanhas de recolhas de superfície. Durante o contacto pessoal com os agricultores pudemos perceber que o tipo de lavoura mecânica empregue não irá afetar eventuais contextos que se localizem abaixo dos 30-40 cm.

III. Conclusões preliminares: integração no Neolítico antigo do Estuário do Tejo

O material neolítico da Sondagem 2 é formado por fragmentos muito pequenos de cerâmica que apresentam pastas tendencialmente oxidantes e com numerosos desgordurantes, cujas (raras) decorações (cardial, “boquique”, traços incisivos verticais, linhas incisivas e triângulos formados pela associação de impressões) apontam genericamente para o Neolítico antigo evoluído, isto é, inícios e meados do V milénio a.C. (Fig. 4).



Fig.4 - Amostra de artefactos cerâmicos da ocupação neolítica da Quinta da Praia.



Fig.5 - Amostra de artefactos em pedra lascada da ocupação neolítica da Quinta da Praia.

A indústria de pedra lascada é quase exclusivamente em sílex, com tratamento térmico mas também com elevadas percentagens de calcinação por exposição ao fogo, com uma componente lamelar importante e contando com a presença de armaduras de tipo segmento, o que está de acordo com a cronologia sugerida pela cerâmica (Fig. 5). Por seu lado, o material arqueológico recolhido nas prospeções de 2014 é composto essencialmente por artefactos líticos, em que o sílex é predominante (em detrimento do quartzo e do quartzito), se caracteriza por uma indústria de base lamelar, e onde se registam igualmente diversos núcleos, percutores, material de debitagem vários e utensílios retocados (incluindo micrólitos de tipo segmento e microburis). Identificaram-se também alguns

termoclastos que poderão ser de idade pré-histórica. A cerâmica é pouco numerosa, e a decorada representa apenas uma percentagem vestigial. Em suma, os conjuntos artefactuais da sondagem e da prospeção parecer ser, nesta primeira avaliação, integráveis na mesma fase cronológico-cultural. No sentido desta conclusão de estarmos perante uma realidade globalmente integrável na mesma fase concorre, em particular, o inventário cerâmico do sítio do Casal da Cerca (Palmela), no extremo ocidental da Arrábida (Fig. 1), onde se observa a mesma variabilidade formal e estilística da produção cerâmica (Tavares da Silva e Soares, 2014 [Fig. 21-28]). A inexistência até ao momento de elementos indicadores de uma cronologia mais tardia - como, por exemplo, vasos decorados com um sulco sob o bordo - sugere que esta ocupação não deverá ter atingido os finais do V milénio a.C.

O conjunto de realidades arqueológicas costeiras datadas ou atribuídas ao V milénio a.C. no Estuário do Tejo, tal como definido na Introdução, totalizam neste momento seis sítios (Fig. 1), se não se contabilizarem outros apenas detetados através de achados de superfície, como será o caso de diversas ocorrências que têm vindo a ser identificadas na área do Barreiro, Moita, Alhos Vedros e Montijo (A. González, inf. pes.). No seu conjunto, aqueles sítios revelam já redes de povoamento e estratégias económicas cuja caracterização genérica começa a ser possível à medida que os dados se avolumam. As primeiras referências que foram sendo dadas a conhecer acerca dos mesmos cingiam-se às modalidades de implantação no território e, em muito menor medida, aos seus elementos zooarqueológicos, quando conservados. Esta fase da investigação, que remonta a mais de uma década, sugeriu uma hipótese de trabalho a partir dos contextos lisboenses então recém-descobertos:

“Os sítios do Palácio dos [Lumiães] e da Encosta de Sant’Ana estão claramente implantados em função da proximidade dos antigos esteiros actualmente sob a cidade de Lisboa, sendo previsível a exploração dos recursos proporcionados por estes ambientes específicos e pelo estuário do Tejo. A recuperação de restos orgânicos nestes ou noutros contextos irá até, talvez, indicar uma imagem de aparente «mesoliticidade», como aliás parece ser desde já o caso no segundo daqueles sítios.” (Carvalho, 2005: 38-39).

Com efeito, a localização estuarina ou ribeirinha dos sítios referidos antecipava a exploração dos recursos oferecidos por estes nichos ecológicos particulares. O prosseguimento da investigação de campo - que resultou na descoberta de ocupações neolíticas antigas na Moita da Ladra (Vila Franca de Xira), no Carrascal (Oeiras) e, mais recentemente, nos Armazéns Sommer (Lisboa) (Fig. 1) - e das análises zooarqueológicas - publicadas em detalhe até ao momento apenas para o caso da Encosta de Sant’Ana (Muralha e Costa, 2006: 161-162) - viriam a confirmar aquela dedução óbvia mas viriam também a revelar, no seu conjunto, uma importante componente terrestre envolvendo a agricultura, a pastorícia de ovinos/caprinos, bovinos e suínos e a caça de javali, veado e leporídeos, a par de evidências indiretas de armazenamento (estruturas negativas, vasos cerâmicos de grandes dimensões). De um modo geral, vários investigadores têm vindo a defender a tese de que boa parte destes contextos, se não a sua totalidade, se reportará a ocupações permanentes. Para o sítio do Gaio (Moita), os autores das escavações advogam uma “vocação residencial” para uma jazida em que

“[a] presença de lamelas com lustre de cereal constitui indício da prática de agricultura, em um contexto geográfico onde a pesca e a recollecção de

marisco devem ter desempenhado um papel importante, infelizmente sem possibilidades de confirmação, em resultado das más condições de conservação dos materiais de origem orgânica.” (Soares, Tavares da Silva e González, 2004: 41 e 59).

Esta linha de pensamento é também proporcionada pelos dados do Carrascal, que sugerem uma “ocupação perianual”:

“É nesse sentido que aponta o registo faunístico, onde se reconheceu a presença de boi doméstico, a par da presença de grandes recipientes de armazenamento e elementos de moagem. [...] A implantação da estação, a meia-encosta direita do vale da ribeira de Barcarena, e na proximidade de pequeno paleoestúário então formado pela sua confluência com o rio Tejo, situado a apenas 3 km para jusante, permitiu a intensa recolção de ostras, ali então abundantes [...]” (Cardoso, 2016: 28).

O peso efetivo da componente aquática / marinha no cômputo global das estratégias alimentares destes grupos neolíticos terá sido, no entanto, marginal. De facto, os dados paleoisotópicos de restos humanos disponíveis para a região estremenha indicam que o consumo destes recursos no Neolítico antigo se deverá ter constituído como uma opção ocasional, talvez reservado a alguns indivíduos ou segmentos específicos das comunidades, não um elemento estruturante das mesmas. Com efeito, o seu impacto isotópico é, em todos os casos analisados até ao momento, sempre inferior a 20% do total, tal como determinado recentemente por Carvalho (2018).

Assim, à luz do contexto regional em que se insere, a Quinta da Praia poderia ser imediatamente interpretada como um acampamento-base em torno do qual se conduziriam atividades agro-pastoris e se explorariam os recursos espontâneos do estuário

vizinho. Todavia, resta por explicar o significado das três manchas de materiais de superfície identificadas, que se constituem no seu conjunto como a mais ampla realidade neolítica antiga documentada até ao momento na região.

Correspondem estas manchas a ocupações exatamente contemporâneas entre si, ou seja, testemunhando a fixação de um grupo alargado neste espaço, reforçando aquela hipótese? Ou terão sido diferenciadas no tempo, isto é, demonstrando algum grau de itinerância dos grupos humanos, e portanto reduzindo substancialmente a hipótese de se tratar de um acampamento-base? A localização do sítio do Casal da Cerca (Fig. 1) e a extraordinária semelhança que as suas cerâmicas apresentam com as da Quinta da Praia (ver acima) são observações que permitem equacionar a existência de uma rede de povoamento neste sector da Península de Setúbal na qual os grupos neolíticos circulariam e explorariam a vasta planície plio-pleistocénica, de substratos arenosos e areníticos, que une os estuários do Tejo e do Sado e era atravessada por diversos esteiros, hoje grandemente colmatados. O Esteiro da Moita, em particular, é um forte candidato para essa circulação de grupos humanos e, logo, para explicar aquelas semelhanças estilísticas, favorecendo assim claramente a segunda das hipóteses acima enumeradas. Cabe no entanto à investigação futura avaliar em bases mais sólidas estas breves reflexões, sendo certo que qualquer uma daquelas hipóteses acarreta consequências importantes para o conhecimento da mobilidade e da estrutura demográfica do primeiros habitantes neolíticos do Estuário do Tejo.

Nota final e agradecimentos

A datação de radiocarbono efetuada para a Quinta da Praia foi custeada pelo projeto de investigação *Bom Santo Cave and the Neolithic societies of Portuguese Estremadura, 6th-4th millennia BC* (PTDC/HIS-ARQ/098633/2008), financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia para o triénio de 2010-2013, e dirigido pelo primeiro signatário.

Queremos deixar expresso os nossos agradecimentos a António González e Catarina Tente pela colaboração nos trabalhos de escavação, e ao primeiro também por informações pessoais acerca dos sítios neolíticos inéditos que têm vindo a ser identificados na margem sul do Estuário do Tejo, e agradecemos ainda uma revisão anónima que ajudou na melhoria de aspetos formais deste trabalho e na chamada de atenção para os paralelismos cerâmicos do sítio do Casal da Cerca com a Quinta da Praia.

BIBLIOGRAFIA

- CARDOSO, João Luís (2016). Na Estremadura do Neolítico antigo ao Neolítico final: os contributos de um percursos pessoal. In Mariana Diniz; César Neves; Andrea Martins (eds.) *O Neolítico em Portugal antes do Horizonte 2020: perspectivas em debate*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses (Monografias AAP; 2), pp. 25-50.
- CARVALHO, António Faustino (2005). As mais antigas sociedades camponesas da Península de Lisboa (c. 5.200-4.500 cal BC). In Victor S. Gonçalves (coord.) *Cascais há 5000 anos*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais, pp. 33-43.
- CARVALHO, António Faustino (2018). When the Mediterranean met the Atlantic. A socio-economic view on Early Neolithic communities in central-southern Portugal. *Quaternary International*. 470, pp. 472-484. DOI: 10.1016/j.quaint.2016.12.045
- ICNF - INSTITUTO DA CONSERVAÇÃO DA NATUREZA E DAS FLORESTAS (2016) [em linha] - Reserva Natural do Estuário do Tejo. [disponível em:] <http://www.icnf.pt/portal/ap/r-nat/rnet> [consultado em Outubro de 2016].
- MOISÉS, Marisa (em preparação) - *O sítio da Quinta da Praia (Alcochete): povoamento humano no Estuário do Tejo durante a neolitização*. Faro: Universidade do Algarve (dissertação de mestrado em curso).
- MURALHA, João; COSTA, Cláudia (2006). A ocupação neolítica da Encosta de Sant'Ana (Martim Moniz, Lisboa). *IV Congresso de Arqueologia Peninsular. Do Epipaleolítico ao Calcolítico na Península Ibérica*. Faro: Universidade do Algarve / Promontoria Monográfica, 4, pp. 157-169.
- TAVARES DA SILVA, Carlos; SOARES, Joaquina (2014). O habitat do Neolítico antigo do Casal da Cerca (Palmela). *II Encontro de Arqueologia da Arrábida. Homenagem a A. I. Marques da Costa*. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnologia do Distrito de Setúbal (Setúbal Arqueológica, 15), pp. 61-104.
- SOARES, Joaquina; TAVARES DA SILVA, Carlos; GONZÁLEZ, António (2004). Gaió: um sítio do Neolítico antigo do Estuário do Tejo. *I Jornadas de História e Património Local*. Moita: Câmara Municipal da Moita, pp. 37-59.
- VIS, Geert-Jan; KASSE, Cornelis; VANDENBERGHE, Jef (2008). Late Pleistocene and Holocene palaeogeography of the Lower Tagus Valley (Portugal): effects of relative sea level, valley morphology and sediment supply. *Quaternary Science Reviews*. 27, pp. 1682-1709. DOI: 10.1016/j.quascirev.2008.07.003